



O “eu” que reporta: Autoria na revista *piauí*¹

Géssica Gabrieli VALENTINI²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

Desde 2006, a revista *piauí* apresenta ao mercado editorial brasileiro uma proposta diferenciada, na qual a realidade é construída com pautas incomuns, enfoques diferenciados e humor. Neste sentido, observa-se que autoria é um dos aspectos relevantes nas narrativas. Assim, através da metodologia estudo de caso e revisão bibliográfica, a partir de uma amostra de cinco edições, uma por ano, desde o lançamento (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010), busca-se refletir sobre a função que a autoria assume dentro da narrativa, bem como os recursos utilizados pelos profissionais para construir cada realidade.

Palavras-chave: fundamentos do jornalismo; narrativa; revista *piauí*; autoria.

Introdução

Em outubro de 2006, o mercado editorial brasileiro acompanhou o surgimento de uma nova revista: a *piauí*, que já pelo nome causa estranhamento. Nenhuma relação com o Estado, apenas foi escolhido por possuir uma sonoridade bonita. Como o nome, que também deve ser em letras minúsculas, vários aspectos da publicação ainda carecem de explicações, se é que são possíveis de serem explanados. Uma tendência imediata – quase um impulso –, por exemplo, é afirmar que é uma revista de jornalismo literário, como fazem algumas pesquisas, ou *New Journalism*, ou ainda são expoentes de publicações como a revista *Realidade* ou *The New Yorker*.

Por outro lado, em todas as entrevistas que concedeu, o idealizador da revista, o editor e documentarista João Moreira Salles, refuta as afirmações. Para ele, a pretensão da *piauí* não é ressuscitar experiências pregressas, nem copiar sucessos duradouros, embora confirme a admiração pelas publicações com as quais a *piauí* foi comparada. Além disso, declarou: “Existe bom jornalismo e mau jornalismo. Só. jornalismo literário é um nome pomposo, que quer se aproximar da eternidade da literatura. Tem a

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, email: gessicavalentini@yahoo.com.br.



pretensão de ser algo maior que eu não acho maior. O que a *piauí* faz é contar bem uma história”³.

Se contar bem uma história é o objetivo da *piauí*, então é preciso avançar nas pressuposições para compreender a revista e, de modo geral, o próprio jornalismo contemporâneo.

Ao lançar um olhar sobre as narrativas, um fator que salta aos olhos é a personalidade. É um modo distinto de encarar a realidade e reportá-la. Neste sentido, a liberdade proposta pela revista se traduz em autoria, ou seja, o “eu” está presente de forma determinante em boa parte das histórias contadas.

Considerando isso, o objetivo deste artigo é contribuir de forma modesta para ampliar a compreensão da autoria neste veículo de comunicação, que reflete a singularidade de cada autor.

Através da metodologia estudo de caso e revisão bibliográfica, a partir de uma amostra de cinco edições, uma por ano, desde o lançamento (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010), busca-se refletir sobre a função que a autoria assume dentro de uma narrativa, bem como os recursos utilizados por cada profissional para escrever sobre determinado tema.

As cinco edições são: a 1ª (outubro de 2006), a 13ª (outubro de 2007), a 25ª (outubro de 2008), a 37ª (outubro de 2009) e a 44ª (maio de 2010). Em cada edição foram escolhidos aspectos que evidenciam o caráter autoral, ou seja, a presença do repórter nas narrativas.

O “eu” que reporta

Não é preciso recorrer às teorias da comunicação para compreender que um texto sempre é escrito por alguém, ou seja, há um sujeito, alguém que fala. No jornalismo, parece redundante falar em autoria se considerarmos isso. Porém, as configurações perante a hegemonia racionalista-positivista demonstram que algumas competências técnicas ganharam visibilidade, ao passo que, de certo modo, tornaram o jornalismo um produto à venda, como propõe Medina (1988), com maneiras tão semelhantes de escrever textos que por vezes estes se confundem.

³ Trecho da entrevista disponível no site www.comunique-se.com.br. Acesso em 10/12/2009.



Como explica a Semiótica da Comunicação, esta é uma busca consciente por um distanciamento, através de estratégias discursivas, a fim de ocultar as marcas de enunciação:

Com o apagamento das marcas da enunciação no enunciado (por exemplo, com o uso das formas impessoais de narrar), cria-se um efeito de sentido de objetividade e de distanciamento. Com o apagamento da enunciação, é como se as notícias se enunciassem a si mesmas [...]. (DINIZ e PORTELA, 2008, p. 85)

Para Kovach e Rosenstiel (2003), a tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante, em cada matéria, e encontrar a mistura exata do sério e do menos sério. Neste sentido, definem:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente”. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 226)

Contudo, de acordo eles, uma lista de problemas atravança o caminho, impedindo que as informações cheguem aos leitores de forma impactante: “pressa, ignorância, clichês, preconceitos, antolhos culturais. Uma matéria bem escrita, fora do clássico esquema da pirâmide invertida (onde como, quando, quem por quê), exige tempo. [...] E tempo é luxo que os jornalistas sentem ter cada vez menos”. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 227).

Por outro lado, Medina (2008) demonstra que há uma crise dessa hegemonia, o que impeliu a uma reconfiguração de cenários. Neste sentido, ela propõe o resgate da autoria como elemento chave da prática profissional. O jornalista é considerado mediador-autor de uma comunicação dialógica, dialética e responsável.

No processo jornalístico da revista *piauí*, além dos repórteres terem o tempo – luxo – citado por Kovach e Rosenstiel, através do produto é possível perceber, muitas vezes de forma explícita, a presença do autor, do “eu” que reporta.

Sendo assim, considerando as possibilidades de estudar a revista, a autoria é algo que se destaca, principalmente nas reportagens, gênero de grande parte da publicação. Esta, de acordo com Bulhões (2007):

[...] pode ser definida como a forma desenvolvida da notícia. Ultrapassando o simples anunciar do acontecimento, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões”. (BULHÕES, 2007, p. 45)



De acordo com o autor, a Guerra de Secessão ou Guerra Civil dos Estados Unidos teria sido o marco da reportagem, isto porque mobilizou correspondentes no local do acontecimento. O fato impulsionou a necessidade da presença do repórter:

A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço essencial do gênero: a necessidade do jornalista – o repórter – no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos. (BULHÕES, 2007, p.45)

Um dos exemplos brasileiros é Euclides da Cunha, que também foi correspondente de *O Estado de São Paulo*, na Batalha de Canudos, em 1897. O resultado das narrativas, escritas de forma descritiva, expositiva e através de uma apuração acurada, é o consagrado livro “*Os Sertões*”.

Relevando tais argumentações, novamente torna-se redundante falar em autoria. No entanto, há diferenciações claras entre o sujeito oculto, proposto pelas estratégias discursivas do jornalismo racionalista-positivista, e do jornalismo como personagem, autor, ele próprio escolhendo as estratégias para dispor as informações e dar um toque pessoal à narrativa.

É nesse sentido que Bulhões (2007), Restrepo (2000), Medina (1988, 2006, 2008) denominam o jornalismo como arte, atentando para a múltipla capacidade de construir significados, o resgate do protagonismo, a expansão da contextualização sociocultural, a pesquisa às raízes históricas, entre outras características que se referem principalmente ao processo e se refletem no produto.

Medina (2008), por exemplo, constrói uma argumentação não circunscrita a conceitos pré-estabelecidos, mas enlaçada à necessidade de uma reinvenção do jornalismo através do uso dos sentidos e o trânsito em outras áreas do conhecimento. Isto inclui a sociologia, a filosofia, a literatura, cujas aproximações com o jornalismo são feitas por vários estudiosos, como Bulhões (2007) e Antonio Olinto (2008).

Nos Estados Unidos, essa aproximação é conhecida como *New journalism*. Já no Brasil alguns profissionais e pesquisadores como Edvaldo Pereira Lima⁴ definiram a aproximação com a literatura de jornalismo literário. Lima e Pena (2005) ainda trazem definições diferenciadas, como jornalismo narrativo, literatura não-ficcional, literatura da realidade, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional, reportagem-ensaio ou jornalismo de autor.

⁴ Disponível no site www.textovivo.com.br. Acessado em 12/06/2009



Porém, cada uma dessas manifestações é alvo das mais variadas críticas e o depoimento de profissionais da *piauí*, como já visto, demonstra que a identidade da revista perpassa algumas definições conceituais e, assim, mais importante do buscar um enquadramento em conceitos é compreender que cada repórter ou colaborador possui uma abordagem particular, que inicia no processo jornalístico e, enfim, resulta num veículo heterogêneo e multidimensional, com diversas especificidades.

Há liberdade, seja para escolher assuntos ou escrever, pois valem todos os temas, desde que tratados com inteligência, como definem os editores. Isto já revela como requisito um caráter autoral, mas com algumas restrições, pois o objetivo da revista é levar a informação sem o vício do comentário pessoal e por isso inexoravelmente há o privilégio pelo relato.

Sejam personagens anônimos ou celebridades, lançar um olhar sobre a realidade, aspirando apenas um relato dos fatos, requer muita arguição, embora seja o que os autores buscam, como cita Medina (2006, p. 69): “essa é a marca de autor que se aspira: contar sua história ou a história coletiva de forma sutil e complexa, afetuosamente comunicativa e iluminando no caos alguma esperança do ato emancipatório”.

Essa alforria é permitida e instigada aos repórteres e colaboradores da *piauí*. Desde a capa até as sessões, quem escreve pode fazê-lo da forma como desejar e tem o tempo que for necessário para apurar ou redigir o texto. O editor serve apenas para lapidar.

Além disso, essa emancipação também contempla o leitor, pois se refere a uma relação dialógica. É como afirma Walter Benjamin: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Isto revela a importância do processo, principalmente considerando as argumentações de Benjamin, para o qual a arte de narrar está em vias de extinção, em decorrência de um fenômeno social identificado por ele ainda na primeira metade do século 20: as ações da experiência foram gradativamente desvalorizadas e as pessoas foram privadas de uma capacidade que parecia universal e inerente ao homem, ou seja, a capacidade de trocar experiências.

Assim, quando encontramos veículos de comunicação como a *piauí* podemos reconhecer uma mentalidade contemporânea, conforme a definição de Medina e também um epitáfio das narrativas propostas por Benjamin.



Nesses textos, o “autor” ocupa um lugar privilegiado. E mesmo em uma reportagem que não atinge tamanha liberdade, há marcas pessoais, como destaca Bulhões (2007):

É bom enfatizar que tal atributo essencial de portar a voz de uma “testemunha ocular” dos fatos permitirá a concessão ao desempenho de uma atitude individualizada, centrada na figura do *eu* que reporta, o que insinua a presença de marcas de personalidade na forma expressiva. (BULHÕES, 2007, p.45)

Bulhões (2007) complementa que a reportagem é o que viabiliza a realização de um estilo, ou seja, é uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. Desta forma, ela é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa, o que não isenta o compromisso com a verdade. Afinal, como enfatiza Traquina:

[...] os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas. [...]. A transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merece a violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira de jornalista. (TRAQUINA, 2005, p. 20).

No caso da *piauí*, embora os textos revelem uma linguagem com uma estética refinada, há até mesmo uma central de apuração, responsável por checar os dados a serem publicados.

Há muitos aspectos citados pelos autores e passíveis de reflexões. De qualquer modo, é um desafio olhar para o exercício do jornalismo com a autoria de um artesão, que utiliza todas as ferramentas necessárias para criar obras, aos quais é resguardado o devido valor. Assim, qual é a contribuição da autoria na construção das narrativas?

Os “outros” na *piauí*

Dois dias antes da finalização da primeira edição, em outubro de 2006, o editor João Moreira Salles entrou em contato com o artista gráfico e colunista da Folha de São Paulo Angeli e pediu que desenhasse a capa.

Segundo relato do próprio editor, ao ser questionado sobre o conteúdo da revista, respondeu simplesmente que não era necessário saber. A capa não precisava ter relação com o restante da edição, tampouco precisava ter relação com alguma coisa. O artista poderia trabalhar livremente, criar, o que evidencia liberdade e caráter autoral no processo jornalístico da revista. O resultado foi o desenho de uma cozinha, com uma geladeira e, sobre ela, um pinguim vestindo um chapéu, ao estilo do que Che Guevara usava.



A partir da capa, muitas interpretações poderiam ser feitas. Porém, o mais importante é reconhecer a liberdade de criação e como isto adquire um valor, pois o pinguim, por exemplo, se tornou o símbolo da revista.

O perfil “O cheio de cimento me inebria”, escrito por Danuza Leão, demonstra no subtítulo a personalidade da articulista, através de uma metáfora: “Guilherme Guimarães, o estilista das noivas, gira sem parar num carrossel de extravagâncias”. (PIAUI, 2006, p. 36). Ao lermos a reportagem, percebemos que não se trata explicitamente de opinião, mas de um olhar sensível e uma interpretação em relação ao que descreve do ambiente, da personalidade, inclusive se colocando na cena:

Há pouco tempo, numa noite de sexta-feira, ele fez um *tour* pela propriedade, respondendo às perguntas minhas e de um amigo. Havíamos marcado o encontro para as 19 horas. Cometemos a imprudência de chegar com três minutos de antecedência. Tocamos a campainha e ele só apareceu, saltitante, três minutos depois, alegríssimo consigo mesmo e com sua pontualidade. (PIAUI, 2006, p. 36)

No portfólio do fotógrafo Orlando Brito, que ocupa oito páginas, há um olhar sobre a política. Sob o título “Vultos da República”, um pequeno texto explica o que virá: não o que normalmente é encontrado em outros veículos, mas “a desesperança, a soberba, o nervosismo do poder no momento mesmo em que ele perde a potência, em que deixa de ser poder”. (PIAUI, 2006, p.59). Seguem-se flagras, alguns inquietantes, outros constrangedores, que demonstram o autor, que tampouco precisou estar em uma das fotos para ser visto, atrás da câmera.

Em todas as edições também há quadrinhos, gênero explicitamente autoral que na revista é independente, pois, como a capa, não tem relação com os textos, embora alguns sejam ilustrados.

A seção “Diário” é o relato, em primeira pessoa, de um episódio ou da vida de alguém, ou seja, é o privilégio da voz autoral mais uma vez presente nas páginas da revista.

Um ano depois, na edição de aniversário, há uma reportagem sobre Paulo Maluf, intitulada “Nas curvas com Maluf”. O personagem não aparece como político, mas como piloto. O texto revela humor e uma certa dose de ironia, o que não aconteceria caso o repórter, Roberto Kaz, não tivesse liberdade no processo.

O carro esperneia, treme, geme, grita como um bebê sem leite, mas o deputado federal não se intimida. Afunda o pé na reta oposta, engata a quarta e exalta a potência da viatura: “Segura bem na mão”. (PIAUI, 2007, p. 33).



Há a opção por uma linguagem figurada, e, embora no trecho seguinte o repórter fale pela revista: “[...] o deputado Paulo Maluf, a convite de piauí, se dedicava ao segundo esporte que mais lhe apetece depois da política” (PIAÚÍ, 2007, p. 33), há traços pessoais, baseados em escolhas que o profissional faz ao conduzir uma entrevista ou, como define Medina, um diálogo.

A reportagem segue com a descrição da conversa entre os dois, permeada por informações sobre a origem da paixão por automobilismo, fatos históricos, entre outros. A certa altura, a presença do repórter torna-se explícita, evidenciada nas palavras do próprio entrevistado: “Fiz uma quina. São 18 000 reais. Você pode noticiar isso em primeira mão”. (PIAÚÍ, 2007, p. 34).

Já na reportagem “O índio contra o império”, escrito por Consuelo Dieguez, sobre a posição do presidente da Bolívia, Evo Morales, em relação à Petrobrás, a presença da repórter é mais sutil:

Um vento glacial e cortante fazia a temperatura parecer ainda mais baixa. No portão de entrada, soldados tentavam se proteger com ponchos e gorros. Um deles, soltando fumaça pela boca, se aproximou para saudar os visitantes. (PIAÚÍ, 2007, p. 40).

Há percepções pessoais, como o vento frio, mas com uma riqueza de detalhes que nos fazem acreditar e, de certo modo, até imaginar o clima: ponchos, gorros e a fumaça que o soldado solta pela boca. Ao mesmo tempo, ela utiliza apenas “visitantes”, não revelando claramente sua participação na cena. Provavelmente estava entre o grupo, mas poderia apenas ter narrado uma cena contada por outra pessoa.

Contudo, em outro momento percebemos que não há uma intenção de afastamento, mas foi apenas uma forma de contar a história, pois, quando considerou importante, revelou-se:

Em seguida, elogiou meu vestido, listrado em preto-e-branco: “*Que rica estampa de zebritá!*” exclamou, tocando a manga do vestido. (PIAÚÍ, 2007, p. 50)

A reportagem “Agente globalizado”, sobre o empresário do esporte Wagner Ribeiro, traz dois autores. O primeiro é o fotógrafo Tuca Vieira, que fez uma foto tão irreverente quanto à matéria e quanto à própria revista.

Na foto, o empresário está vestido de terno e gravata, mas sobre um gramado, pronto para chutar um globo. Nitidamente, trata-se de uma foto planejada, possivelmente pelo fotógrafo, que consegue captar exatamente o ensejo da reportagem: contar a história do homem que ganhou muito dinheiro enviando jogadores brasileiros para outros lugares do mundo. Isto com o mesmo humor de toda a publicação.



Por sua vez, no texto a repórter Vanessa Bárbara demonstra alguns traços de autoria através de escolhas, como o uso de travessões em diálogos:

- Como um grande homem de negócios no futebol, o senhor investe em ações? – perguntou um jornalista.
- Você quer saber quais ações vão render tanto quanto isso que faço hoje? No que faço, meu investimento é zero. Sou eu falando, vendendo e pronto – disse Ribeiro. (PIAUI, 2007, p. 61).

Este trecho também traz outro aspecto, que foi a escolha de uma pergunta e uma resposta que não foram feitas por ela e a inserção deste fato, apenas relatado, tal qual aconteceu.

Bárbara também utiliza algumas comparações e impressões e lança um olhar que marca personalidade:

Aos 48 anos, Wagner Ribeiro é magro, alto e, como uma pintura de Modigliani, tem o rosto e os olhos próximos um do outro. Fala compulsivamente, engolindo consoantes e plurais. Não fuma, não bebe e tem uma sombra de melancolia do olhar. (PIAUI, 2007, p. 61).

Em outubro de 2008, a revista completava dois anos com temas correntes como política e economia, mas sob uma abordagem condizente com a política editorial. Um dos temas que chamam a atenção na data é o perfil “O caseiro”, de Francenildo dos Santos Costa, escrito por João Moreira Salles. O personagem é o famoso caseiro que teve o sigilo bancário violado ilegalmente por ocasião das investigações sobre o Mensalão.

No subtítulo, o editor revela um caráter pessoal: “De como todos os poderes da República – Executivo, Legislativo, Judiciário, polícia, imprensa, governo, oposição – moeram Francenildo dos Santos Costa”. (PIAUI, 2008, arquivo eletrônico)⁵.

No trecho, o verbo “moeram” revela liberdade de escolher uma expressão que é coloquial e dificilmente será utilizada pelo jornalismo tradicional. Além disso, há na expressão traços de ironia, presentes em outras partes da narrativa: “A oposição afiou os dentes e mirou em Palocci, o homem a ser derrubado, o esteio da estabilidade econômica, o herdeiro presumido de Lula”. (PIAUI, 2008, arquivo eletrônico).

Neste caso, também há o uso de metáforas, que voltam a aparecer. Além disso, Salles também cita detalhes da apuração:

Esta reportagem foi apurada ao longo de um ano. Durante esse tempo, boa parte das pessoas entrevistadas se lembrava apenas vagamente do caso. Sabiam que envolvia Palocci e um caseiro. E se lembravam do dinheiro na conta de Francenildo. Muitas pessoas iniciaram a conversa

⁵ Disponível em www.revistapiaui.com.br. Acesso em 12/03/2010.



com a pergunta: "É sobre aquele caseiro que recebeu dinheiro?" (PIAUÍ, 2008, arquivo digital)

A narrativa "NY e SP" foi escrita pelo escritor e ensaísta cubano Edmundo Desnoes e carrega traços de relato, com um olhar sobre a realidade e o retrato das impressões. Alguns trechos são narrados em terceira pessoa, como se não estivesse sozinho na viagem ou o "nós" fosse o leitor, pois dialoga com ele: "Em NY são dentes, caninos, em SP são tumbas amuralhadas esperando nosso desmoronamento. Não concordam?". (PIAUÍ, 2008, arquivo eletrônico).

Em outros momentos, utiliza a primeira pessoa, com impressões pessoais e, embora se baseie em descrições, dá sua percepção da realidade, isto com humor e através da utilização de figuras de linguagem:

Andando pela avenida, abraçou-me uma epifania. Um habitante da floresta amazônica, de cabeleira tão poderosa quanto a crina de um cavalo, vendeu-me umas aranhas que havia fabricado com arame nas extremidades e pau-brasil no miolo do corpo. (PIAUÍ, 2008, arquivo eletrônico).

Um ano depois, na edição de outubro de 2009, as marcas de personalidade continuam. O cartunista Angeli foi novamente convidado para desenhar a capa e o trabalho revela humor e ironia. O pinguim, símbolo da *piuí*, aparece em uma imponente sacada, com um cetro, chapéu e colar, semelhante aos acessórios usados pelo Papa. Abaixo, há a inscrição: "Salve o III aniversário da Piauí. Aleluia!". Uma composição ousada.

A mesma edição traz um perfil de José Serra, escrito por Daniela Pinheiro. A jornalista, em diversos momentos, escolhe fatos e formas inusitadas para descrever a personalidade e algumas decisões do político. No início do texto, ela traz o depoimento de alguns colegas de partido, que explicam a desistência dele à eleição presidencial, em 2006. Um deles ela se refere apenas como "amigo", embora utilize referências que justifiquem a importância de utilizar este depoimento, mesmo sem o nome, como o tempo em que os dois se conhecem.

[...] um amigo de mais de duas décadas do governador paulista lembrou o poema "Se", no qual Rudyard Kipling indaga *Se és capaz de arriscar uma única mão de cartas/ tudo quanto ganhaste em toda tua vida...*" (PIAUÍ, 2009, p. 40)

Mais adiante, ela mesmo se revela, citando-se, em vários momentos, como este:

Amigos próximos e distantes, correligionários, conhecidos, jornalistas, todos que entrevistei – exceto seus familiares – consideram Serra, de alguma maneira, implicante. (PIAUÍ, 2009, p. 42)



Ainda que sutilmente, logo em seguida ela expõe argumentos que em alguns aspectos podem ser considerados opinião: “A diferença é que escancara suas implicâncias, enquanto a maioria dos políticos as silencia”. (PIAUI, 2009, p. 42)

A autora também escolhe aspectos que fogem do ambiente político para retratar a personalidade de Serra. Além de revelar comentários que ele fez sobre um filme, livros e o fato de ser ator amador na universidade, ela cita o conto “Espelho”, de Machado de Assis, que Serra entregara-lhe na despedida da entrevista e através do qual ela estabelece uma relação com o político. Utiliza três parágrafos para falar sobre Jacobina, o principal personagem do conto, e, em um novo encontro, relata as impressões do político a partir daquela literatura.

O uso de onomatopéias, figura de linguagem que produz som com um fonema ou palavra, também não é comum em um texto jornalístico e se faz presente em diversos textos da *piauí*, inclusive nesta reportagem: “Aaaaaaaiiiiiiii”, gritou, quando o Corinthians quase marcou um gol.”. (PIAUI, 2009, p. 50).

Outro aspecto interessante é que a repórter escolheu relatar momentos da entrevista em que foi referenciada e também os próprios dados, que Serra questiona durante a apuração:

“A coisa mais absurda que você me disse foi que eu implicava com uma menina chamada Helga. A única Helga que eu conheci na vida foi a Helga Hoffmann, do movimento estudantil, que não tinha perna fina e nunca morou no Chile. E falar que eu implicava com um sujeito porque era feio... Nunca teve isso. Isso não é real. Você não pode escrever isso.” (PIAUI, 2009, p. 54)

Em 2010, as reportagens continuam revelando sensibilidade, como “Morar na rua em Ipanema”, escrita pela repórter Paula Scarpin, na edição de maio. Ela conta a história dos mendigos que vivem em Ipanema, um dos bairros mais ricos do Rio de Janeiro.

Para escrever a narrativa, ela acompanhou o dia a dia dos mendigos, bem como buscou informações sobre o bairro, sobre a vida daqueles mendigos e também acompanhou o trabalho de setores públicos, que tentam resolver o problema, como relata no *podcast*⁶ presente no site da revista e também é perceptível no trecho:

Pouco antes das quatro horas da manhã de uma madrugada recente, um comboio de seis veículos encostou junto à calçada da rua Visconde de Pirajá, a mais movimentada de Ipanema, no Rio de Janeiro. A picape prata da subprefeitura da Zona Sul era seguida por um carro da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social [...]

⁶ Disponível no site www.revistapiaui.com.br. Acesso em 13/04/2010.



A repórter inicia a reportagem com a cena, depois recupera a história do bairro, que abriga os prédios mais caros da América Latina e se insere nas cenas em diversos momentos, como este: “Conversei com um ex-funcionário do abrigo, que pediu para não ser indentificado”. (PIAUÍ, 2010, p. 26)

Scarpin também utiliza metáforas, mas sobretudo descrições de gestos e expressões, como no encontro com o prefeito: “Sobre as críticas de elitismo, o prefeito riu. ‘Não estou nem aí, olha as minhas rugas de preocupação’, falou, levantando a mão em minha direção.” (PIAUÍ, 2010, p. 30).

Na reportagem “A copa do Cabo ao Rio”, Daniela Pinheiro vai até a cidade do Cabo, na África do Sul, para recuperar a história de como o país tornou-se sede do maior evento do futebol mundial, além de pesquisar o que o Brasil pretende fazer até 2014, quando também será sede do evento.

A estrutura não é de uma matéria tão humanizada, como costumamos ver na revista. Contudo, os dados revelam uma apuração exaustiva, que, conforme alguns trechos, iniciou em fevereiro. Em alguns momentos o caráter autoral também se revela mais fortemente: “Quis saber minha opinião sobre as exigências da Fifa, entre elas a de construir o estádio de Green Point [...]”. (PIAUÍ, 2010, p. 46).

Em outro momento, ela revela-se como protagonista de uma cena:

Em Joanesburgo tentei comprar um ingresso para assistir a um jogo do mundial. Fui informada que só haveria lugares disponíveis para a partida entre times de pouca expressão, como Paraguai e Eslováquia. Para a semifinal e a final, disseram-me, era impossível. (PIAUÍ, 2010, p. 46).

Desse modo, o narrador/autor, mesmo sendo um jornalista, atua como quem conta uma história, interferindo em alguns trechos, isto através da liberdade na construção, da linguagem e das escolhas que faz desde a pauta até a publicação. Assim, é perceptível como o autor se revela no processo e se reflete no produto e como isso pode ajudar a compreender os fundamentos do jornalismo contemporâneo.

Considerações finais

A pesquisa em jornalismo aperta seus passos rumo à compreensão da ágil dinâmica que constrói a realidade de cada veículo de comunicação. Este artigo faz parte



da dissertação de mestrado, que ainda se estenderá muito até compreender de forma mais aprofundada o jornalismo que é praticado na revista *piauí*.

A proposta da revista é ser diferenciada. À contramão da segmentação, citada como tendência por Scalzo (2004), na revista há uma miscelânea de formatos, temas, enfoques, cujo caráter autoral e a liberdade para que este se faça presente é evidente desde a primeira edição, como constatamos através dessa análise.

De forma geral, os repórteres da *piauí* estão mais uma vez na rua, à moda antiga, percorrendo trajetos arenosos, pedregosos, subindo morros, escalando a realidade social, como um epitáfio das narrativas proclamadas por Walter Benjamin e a exemplo de conclamados repórteres como João do Rio, no início do século XIX.

Metáforas, onomatopéias, outras figuras de linguagem, primeira pessoa, descrição de cenas. Características que encontramos em textos literários, mas dificilmente em um veículo de comunicação tradicional. Esta discussão do jornalismo como literatura continua em uma área espinhosa, mas enquanto as divergências se acentuam, as convergências se renovam.

Acentuam-se os limites entre ficção e realidade. Afinal, o jornalismo tem como premissa a busca pela verdade. Convergem as técnicas literárias, que podem servir ao jornalismo e ao jornalista para suavizar, tornar um texto atraente e sensível aos leitores, ouvintes ou espectadores, como já fazem os repórteres da revista estudada e diversos outros profissionais.

Neste sentido, entendemos que são apenas diferentes formas de contar uma história. Isto depende da política editorial, do tempo, e de todos os fatores citados por Tuchman (1983), ao explicar o jornalismo a partir do Newsmaking, e também depende da sensibilidade, do olhar arguto que o repórter lança sobre a realidade.

Consideramos então a autoria como um privilégio da revista *piauí* e outros veículos e profissionais, mas, da mesma forma, como um direito de se expressar e construir um texto jornalístico através do qual possamos conhecer também quem escreve. A narrativa continua sendo uma escolha, de trechos mais importantes, de fontes que mais se destacam, mas passa a causar uma maior identificação, à medida em que privilegia a autoria e a narrativa admite sua existência e, de certa forma, até mesmo sua possível falência.

Melhor? Pior? Apenas diferente, com um manancial de possibilidades de profissionais, leitores, pesquisadores, que ensejam novos rumos ao jornalismo. Há um longo caminho a percorrer.



Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

DINIZ, Maria Lúcia Vissoto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (org.). **Semiótica e mídia** - textos, práticas, estratégias. São Paulo: Faac/Unesp, 2008. Disponível em http://www.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/dcmnts_gescom/semiotica_e_midia_ebook.pdf, acesso em 12 fev. 2010.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial: 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. São Paulo: Editora USP, 1990.

MEDINA, Cremilda **Notícia, um produto a venda**: Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Ciência e jornalismo**: Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

REVISTA PIAUÍ. Mídia. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/images/download/pdf/midia.pdf> shtml>. Acesso em: 09 set. 2009.

REVISTA PIAUÍ. São Paulo: Alvinegra, n. 01, outubro 2006. Mensal.

REVISTA PIAUÍ. São Paulo: Alvinegra, n. 13, outubro 2007. Mensal.

REVISTA PIAUÍ. São Paulo: Alvinegra, n. 25, outubro 2008. Mensal. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/antiores.aspx>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

REVISTA PIAUÍ. São Paulo: Alvinegra, n.37, outubro 2009. Mensal.

EVISTA PIAUÍ. São Paulo: Alvinegra, n. 44, maio 2010. Mensal.



SALLES, João Moreira. **João Moreira Salles fala sobre revista piauí e evita o jornalismo literário.** 2007. Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>. Acesso em: 12 out. 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia:** estudo sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.